

MAIS UMA NEGRA NA MULTIDÃO: OS DESLOCAMEN- TOS E A IDENTIDA- DE NO QUILOMBO *ANOTHER BLACK IN THE CROWD: DIS- PLACEMENTS AND IDENTITY IN THE QUILOMBO*

Walnice Vilalva¹
Marinês Rosa²

Resumo: Este artigo diz respeito a uma prática de extensão da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, intitulado *Clube de Leitura de mulheres negras no quilombo* (resultante do projeto de pesquisa Amazônia Legal/Edital 013/ CAPES e o projeto PROCAD Amazônia Legal/Edital/2018), construindo uma interlocução com um grupo de professoras e professores atuantes na Escola Estadual Tereza Conceição de Arruda, na comunidade do quilombo de Mata Cavalo, situado no município de Nossa Senhora do Livramento, em Mato Grosso. O objetivo do estudo é propiciar *a escuta de si* das mulheres-professoras da comunidade quilombola Mata

1 Doutora em Teoria e História Literária pela UNICAMP. Pós-doutorado pela USP. Professora Adjunta da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, atuando na Graduação em Letras e Pós-graduação stricto sensu em Estudos Literários da instituição. Contato: walnicevilalva@unemat.br.

2 Doutora em Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas - PPGICH-UFSC. Professora na Universidade Estadual de Mato Grosso - UNEMAT. Contato: marinesrosa@unemat.br.

Cavalo, por meio do desenvolvimento de leituras e debates sobre narrativas curtas, bem como poemas de escritoras negras brasileiras. A *escuta sentida* é um recurso teórico-metodológico para a interação com as interlocutoras, que pressupõe a ação dos cinco sentidos, configurando-se em um “sexto sentido” como atitude e prática de pesquisa e extensão.

Palavras-chave: Comunidade quilombola de Mata Cavalo; narrativas de mulheres do quilombo; escuta sensível.

Abstract: This article concerns an extension practice at the University of the State of Mato Grosso, an extension project for the Black Women’s Reading Club in the quilombo, resulting from the research project Amazônia Legal/Edital/013/CAPES and the project PROCAD Amazônia Legal/Edital/2018, building dialogue with a group of teachers working at the Tereza Conceição de Arruda State School, in the quilombo community of Mata Cavalo, located in the municipality of Nossa Senhora do Livramento in Mato Grosso. The aim of the study is to encourage listening to the self, the women teachers of the Mata Cavalo quilombola community, through the development of readings and debates on short narratives and poems by black Brazilian women writers. Felt listening is a theoretical-methodological resource for interaction with the interlocutors, which presupposes the action of the five senses, forming a “sixth sense” as an attitude and practice of research and extension.

Keywords: Quilombola community of Mata Cavalo; narratives of quilombo women; sensitive listening.

Introdução

*Quiero regresar/ Ser mi dueño otra vez
Ni temer que el río sangre y calme Al contarle mis plegarias
Mercedes Sosa*

*Ain´t Got No/I Got Life
Nina Simone*

Faz já algum tempo que um livro não nos permitia risadas. E, nelas, há mais do sabor da leitura, numa diversão proposta entre conhecimento e experiência, muito bem alinhavados com suavidade, sem perder a força da narradora de viagens:

Chimamanda Ngozi Adichie, em *Sejamos todos feministas* (2015), é o livro que destacamos nesta introdução. Confesso que ficamos pensando se faríamos esta introdução, se contaríamos do prazer em ouvir Chimamanda Ngozi Adichie. Duas feministas de 50 anos, como nós, não poderiam deixar de se divertir ouvindo outra feminista, defendendo com maestria, competência e afeto, nossas causas e nossos direitos. Ainda mais em um texto como este, que tratará de tantas mulheres.

Chimamanda Ngozi Adichie costura as experiências vividas, a rotina de uma mulher africana, na sua limitação de espaço, fazendo com que o seu público, ao ouvi-la, experimente o lugar da sua morada. Nisso, Chimamanda Ngozi invoca a lucidez e a habilidade de uma Sherazade para tratar do feminismo em tempos de recusa absoluta do termo. E é contando histórias, trazendo episódios e experiências próprias, colhidas desde a trajetória escolar (como aquela da melhor aluna que disputa e ganha o primeiro lugar para ser monitora, mas perde essa função, tendo ela sido oferecida, pela professora, ao menino que ficou em segundo lugar) que essas narrativas são alinhavadas, numa continuidade suave, e, que muitas vezes, nos fazem refletir sobre a partilha de experiências que promovem a escuta, ligando sujeitos, gerações. Dizer para a escuta. O dizer de mulher negra feminista sobre o feminismo é sempre um desafio. Dizer qualquer coisa que evoque a reflexão sobre a nossa sociedade, nosso tempo e as estruturas sólidas que o sustentam, faz da escuta uma conquista, um desafio.

As artimanhas da contadora parecem se sobrepor a uma vontade de escuta. Isso porque nas sociedades tradicionais e também modernas, a palavra é poder, como bem diz Todorov em

Gêneros do discurso (1999). E, a palavra foi, predominantemente, autoritária (do pai, do rei, de deus, do padre), exigindo sempre obediência. Como um exercício de dominação e expressão da força, a palavra foi (e continua sendo) do homem, mesmo quando pensamos nas sociedades democráticas, considerando a posição hegemônica dos homens na construção de leis e na tomada de decisões. Nesse sentido, identificamos a proeminência da palavra autoritária no decurso da história.

Chimamanda Ngozi Adichie, a mulher negra, costura a palavra, enredando uma discursividade do acolhimento. A discursividade preparada para derrubar grandes muralhas, acolhendo a vontade do outro, construindo a vontade de escuta. Eu quero ouvir essa mulher negra Chimamanda Ngozi Adichie. Digo como o califa que espera por Scherazade em mais uma noite, em mais uma noite e mais uma noite. Sherazade, em sua sabedoria e destreza, ilumina-nos há séculos, mostrando-nos como empenhar nossa palavra, de modo a derreter muralhas seculares, aproximando ouvidos resistentes. Nessa tarefa árdua está a nossa maior arma. Essa é a consciência expressa discursivamente por Chimamanda Ngozi Adichie, ao romper uma fórmula hegemônica do discurso masculino. Mas, por que digo tudo isto? Digo porque este texto nasce da escuta da voz de mulheres no quilombo. Assim como as autoras deste artigo, o quilombo carrega a complexidade de mulheres negras, pardas e não negras. Ouvir a voz de uma mulher, assumindo a palavra como um ato de construção de consciência e alteridade, retirando-a do anonimato. E, nesse exercício da palavra, pela voz, o encontro de mulheres instaura uma nova palavra, uma nova significação para a alteridade, fazendo surgir, dessa forma, uma

fisionomia/feição, mais especificamente, uma imagem desenhada entre experiência e labor, da mulher forte no quilombo.

Em que contexto nasce essa experiência de escuta? Nasce de uma prática de extensão da Universidade do Estado de Mato Grosso, intitulado *Clube de Leitura de mulheres negras no quilombo* (resultante do projeto de pesquisa Amazônia Legal/Edital 013/CAPES e o projeto PROCAD Amazônia Legal/Edital/2018), construindo uma interlocução com um grupo de professoras e professores, na Escola Estadual Tereza Conceição de Arruda³, no quilombo de Mata Cavallo, situado no município de Nossa Senhora do Livramento, em Mato Grosso. O objetivo do estudo é propiciar *a escuta de si* das mulheres professoras da comunidade quilombola, por meio do desenvolvimento de leituras e debates sobre narrativas curtas, bem como poemas de escritoras negras brasileiras.

A fundamentação teórico-metodológica compreende perspectivas feministas, tal como afirma Sandra Harding (1993), por considerar que o campo de teorias feministas assume a dimensão subjetiva, emotiva, intuitiva do conhecimento, pois, nas práticas de extensão, as relações são construídas no campo empírico, entre participantes (pesquisadoras/es e interlocutoras/es) da “interação”, portanto, constituídos em história de vida, por

³ A entrega da escola para a comunidade ocorreu em 28 de junho de 2012, no município de Nossa Senhora do Livramento/MT. De lá para cá, a escola passou a atender a mais de 300 alunos, com oferta de vagas para o ensino fundamental (anos iniciais), ensino fundamental supletivo, ensino médio e ensino médio supletivo. A comunidade, presta honrosa homenagem à Tereza Conceição de Arruda, professora e ativista, lutadora em defesa do quilombo e de sua comunidade. Fazemos constar, neste parágrafo, a apresentação da estrutura da escola quilombola dirigida por mulheres. Tereza Conceição de Arruda possui dez salas de aula, quadra esportiva, cozinha, banheiros dentro dos padrões para alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, refeitório, pátio descoberto, sala da diretoria, sala dos professores. Há acesso à internet, ainda que a qualidade do sinal seja baixa, declaração essa feita por todas as professoras ouvidas. A qualidade da água filtrada, a importância do poço artesianos e do lixo destinado à queima, são questões que indicam a organização e a qualidade da escola dirigida por mulheres

sua vez partilhadas. Esse é o mote das epistemologias feministas, segundo a teórica, como possibilidade de resistência à ciência androcêntrica e burguesa que nega narrativas daquelas e daqueles consideradas (os) como outros.

Por uma escuta que nasce da extensão na escola do quilombo Mata Cavallo: uma proposta dialógica

Parte-se da noção de *extensão* conforme as abordagens de Paulo Freire (2006), justamente, pela crítica às práticas antidialógicas e mecanicistas, consideradas pelo teórico como forma de invasão cultural que manipula, submete e domestica os outros. Para o teórico, a “extensão” pressupõe a compreensão do outro como sujeito histórico, cultural, social e político.

No âmbito da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, a creditação da extensão⁴ dispõe sobre a reserva mínima de 10% do total de créditos curriculares exigidos para a graduação, em programas e projetos de extensão universitária (BRASIL, 2019). Destaca-se essa inovação, justamente, para enfatizar a importância da “extensão” na articulação de distintos saberes, de acordo com as demandas e os interesses da sociedade. Especificamente, teóricas feministas como Marlise Matos (2018) têm refletido sobre a “extensão comunitária”, inclusive, como estratégia de ação na desconstrução de feminismos canônicos com vistas à promoção de outros saberes e formas de ação pressupostos em práticas *feministas decoloniais*. Diante dessa compreensão que a entrada das pesquisadoras no quilombo de Mata Cavallo priorizou e selecionou a Escola Estadual Tereza Conceição de Arruda, condiderando a busca por uma educação

⁴ Resolução Federal de dois mil e dezoito, do Conselho Nacional de 1 Resolução Federal nº 7, de 18 de dezembro de 2018, do Conselho Nacional de Educação (CNE).

quilombola que acione modos de ser e fazer característicos, relacionados a organização social, práticas culturais e saberes locais em defesa do quilombo e de sua comunidade.

Figura 1 – Representação de Tereza Conceição de Arruda



Fonte: Arquivos da pesquisa (Foto tirada por Walnice Vilalva de painel da escola, em 22 de abril de 2023).

A escuta de si das mulheres professoras no quilombo Mata Cavalo

A escuta sentida é um recurso teórico-metodológico para a interação com as interlocutoras, que pressupõe a ação dos cinco sentidos, configurando-se em um “sexto sentido” como atitude e prática de pesquisa e extensão alicerçada na subjetividade que constitui as atrizes sociais envolvidas. *A escuta sentida* deriva do termo lançado, em um primeiro momento, como *escuta afetada*, durante a pesquisa de campo, na interação com mulheres que

viveram a experiência do cotidiano no cárcere⁵. Designamos a noção tendo em vista a *escuta* para além do ato mecânico da audição. Logo, aproximamo-nos da

que para Jeanne Favret Saada (1990) é a sensibilidade entre sujeitos. Portanto, a *escuta sentida* que proponho, pressupõe sujeitos na interação, não necessariamente, mediados pela oralidade, que comungam da “escuta sensível” constituída na ativação dos cinco sentidos, configurando-se em um *sexto sentido*.

A partir das primeiras observações em campo é possível perceber que o recurso teórico-metodológico feminista da *escuta sentida* propicia a construção que parte da *escuta de si* para a *escrita de si*, de mulheres professoras no/do quilombo, uma vez que o contexto da leitura de uma literatura de autoria negra, permite a cada professora a construção da reflexão coletiva, não apenas a condição da mulher negra no Brasil, seu anonimato, como mais intensamente, ver-se pelo discurso de outra mulher negra, escritora brasileira, como Luciene Carvalho e Cristiane Sobral. Das singularidades para o sentido da coletividade como pertencimento, afeto e de luta. Nesse aspecto, os momentos partilhados no espaço da escola e da leitura de textos, de outra mulher negra, refletem as *histórias de vida* que podem ser interpretadas como formas de *agência*. Sherry Ortner (2006) defende a compreensão de *agência* como a maneira pela qual as pessoas tentam agir no mundo movidas por subjetividades tais como: intenções, desejos, sentimentos, pensamento e significados, construídas culturalmente e marcadas em estruturas e relações de poder. Com essa compreensão, identificamos professoras-quilombolas inseridas nas complexas relações de poder, absolvidas no anonimato, constituindo a rotina de formação de crianças e

5 ROSA, Marinês da. *Escrita de si das “Marias no cárcere”*: *escuta sentida como proposta teórico- metodológica decolonial*. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Florianópolis, 2021.

jovens na escola quilombola; uma escola predominantemente formada por mulheres, sendo três mestres e uma mestranda, com um total de vinte e seis professoras. Todas são mulheres do quilombo.

Figura 2: Clube de leitura no quilombo de Mata Caval



Fonte: Arquivos da pesquisa (Foto tirada por Walnice Vilalva do Clube de Leitura Mulheres no Quilombo, em 08 de abril de 2023).

A equipe é constituída por 35 professores e professoras, desse total apenas 05 são homens. Do total de homens, apenas dois são não-negros. O grupo das mulheres ocupa a direção e a coordenação da escola, como mulheres mestras, formadas pela universidade

pública brasileira - UFMT. De um total de 30 mulheres, indicando que as mulheres são maioria na escola do quilombo de Mata Caval, sendo as mais qualificadas. Ainda que o número de concursadas e mestres seja pequeno, o quadro das professoras interinas indica o compromisso com a qualificação, um planejamento para a realização do mestrado nos próximos dois anos.

Figura 3: Clube de leitura no quilombo



Fonte: Arquivos da pesquisa (Foto tirada por Walnice Vilalva do Clube de Leitura Mulheres no Quilombo, em 08 de abril de 2023).

Ainda que a mulher negra seja a maioria na escola do quilombo de Mata Cavalo, também encontramos jovens professoras não-negras, trabalhando na complexa cultura quilombola e na defesa da consciência histórica do quilombola. Há, nas vozes dessas mulheres do quilombo, um lastro profundo de pertencimento e reconhecimento da identidade.

Figura 4: Clube de leitura no quilombo



Fonte: Arquivos da pesquisa (Foto tirada por Walnice Vilalva do Clube de Leitura Mulheres no Quilombo, em 08 de abril de 2023).

Como declara Elizabeth Maria, “fora do quilombo sou mais uma negra na multidão”. As histórias contadas são histórias cruzadas que revelam o quilombo como terra de quem chega e de quem sai. “Eu mesma não sou quilombola, morei muitos anos longe, mas me casei com um quilombola e moro em Mata Cavalo faz mais de oito anos. “A vida no quilombo é feita de saídas e retornos. Às vezes, saímos e fica uma mãe, uma avó, até mesmo um filho. Aqui, eu sei quem sou. Fora daqui, não sou ninguém. Sou somente mais uma negra na multidão”. Neste breve registro da voz de Elizabeth Maria, encontra-se uma consciência complexa do quilombo, como terra de partida e chegada, de retornos. Nessa terra prevalece a integração a uma comunidade de luta, uma identidade coletiva de resistência, que acolhe os seus, protege e defende. É pelo fio da memória que se forma, em narrativas de mulheres do quilombo, a restituição de uma integridade quilombola.

Nestas memórias, bem diferentes das memórias de pioneiros, como em *Fios da memória: pioneiros de Tangará da Serra* (2013), as lutas e a resistência, assim como a defesa pela terra, fazem surgir uma terra secular, quilombola, fazendo-se em desejo de unidade e de integração de descendentes de bisavós, de avós, de pais escravizados. Essa posição de descendência carrega a consciência da herança e a posição de herdeiros de uma terra. Somente com a terra, de posse dela, realiza-se plenamente o pertencimento a uma história que foi dos avós e dos bisavós e se ressignifica e é assumida com fé. Das narrativas ouvidas e registradas, a alegria triste de um povo que sabe que não pode se permitir o cansaço da luta.

A autoridade discursiva promove o reconhecimento, bem

como o *feminismo negro*, em Patrícia Hill Collins (2019), que destaca a autoridade discursiva de um grupo social à medida que produzem conhecimento a partir de experiências historicamente compartilhadas. A narrativa da mulher negra, carregada de matéria e sentimento, alude um sentido pleno e absoluto.

No quilombo, assim como nas dobras do mundo, como nas histórias de Riobaldo e Diadorim (2011), essa errância, esse estar entre passados e presente, constitui uma premissa do ser em resistência. E, voltar ou lutar para poder ficar nas terras dos ancestrais é, em si, uma luta gloriosa. É, pela escuta que se faz a narrativa. Nas dobras do mundo que a Literatura e a vida acontecem.

E cada dobra do mundo se faz pela particularidade inunciativa de cada discurso, assim Djamila Ribeiro (2017) infere sobre o lugar de fala, já problematizado por Benveniste, e considera que o conceito parte das múltiplas condições que resultam das

desigualdades e das hierarquias que localizam grupos subalternizados. É, por esse viés de subalternidade, que identificamos a voz de mulheres-professoras, no e do quilombo, ouvidas num processo de escuta que registra suas experiências, suas histórias, suas lutas.

Com essas vozes, aprendemos a força da memória, a luta com cumplicidade, uma diz e olha para outra, pedindo que complete e que digam também se foi isso mesmo. Essas narradoras vão costurando um sentido profundo e poético da mulher no quilombo. Assim como Chimamanda Ngozi Adichie, estas mulheres do quilombo trouxeram suas experiências, suas histórias de famílias, suas lutas, para compor as histórias

cruzadas do quilombo. Histórias que nos ensinam a enxergar o mundo, histórias de aprendizados, em narrativas que se tocam, se entrecruzam. As vozes de mulheres no quilombo são ditas para a escuta de outras mulheres negras e não-negras e feministas.

Referências

ADICHIE, Chimamanda. Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Tradução de Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BRAH, Avtar. **Diferença, diversidade, diferenciação**. Cadernos Pagu, Campinas, Unicamp, n. 26, 2006.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

CRENSHAW, Kimberle. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**. Ano 10, v. 1, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf> Acesso em: 10 fev. de 2020.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “**Ser afetado**”. Cadernos de Campo, São Paulo, n. 13, 1990. FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984.

HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. **Revista Estudos Feministas**, n. 1, p. 7-31, 1993. Disponível em: <http://www.legh.cfh.ufsc.br/files/2015/08/sandra-harding.pdf>.

LACAN, Jacques. **Nota sobre a criança (1969)**. In: Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

MATOS, Marlise. **Pedagogias feministas decoloniais: o desafio da implementação de uma agenda de extensão universitária crítico-feminista**. In: MATOS, Marlise (Org.). *Pedagogias feministas decoloniais: a extensão universitária como possibilidade de construção da cidadania e da autonomia das mulheres de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

ORTNER, Sherry. Poder e projetos: reflexões sobre a agência. In: *Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas*. Goiânia: Nova Letra, 2006.

ROSA, Marinês da. Metodologias feministas para o desenvolvimento da extensão em uma universidade no centro-oeste. **Tecendo redes em Antropologia feminista e estudos de gênero: 30 anos do NIGS UFSC**. In: Grossi, Miriam Pillar, et. All. 1. ed. – Florianópolis (SC): Tribo da Ilha, 2022.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

VILALVA, Walnice. MIIYAZAKI, T. Y. **Fios da memória: pioneiros de Tangará da Serra**. Cáceres: Editora da UNEMAT. 2013.